

Revisitar o passado histórico é um exercício de compreensão dos caminhos da experiência humana individual e coletiva. Exercício que procura ampliar os horizontes possíveis de desdobramento do presente, tentativa de traçar tendências nos desfechos ainda em construção, logo imponderáveis. Em um mundo à procura de estabilidades após reclusões sociais mais restritas determinadas pela pandemia de COVID de 2020 e 2021, em que nem o presente é reconhecido como estável ou conhecido (procura-se a nova normalidade após o caos), a sensação generalizada de indeterminação determina a procura por lastros. Nenhum lastro melhor do que analisar aquilo que já aconteceu, que nos é dado como pilar do passado. É a partir deste contexto que publicamos dois artigos históricos nesta edição da *Revista Psicopatologia Fenomenológica Contemporânea*.

O primeiro artigo histórico, a tradução do texto de Gordon Allport, “Imagination in Psychology: Some Steps of Execution”, de 1964, ilustra a busca, na dialética das ciências, por caminhos para a compreensão do humano. Entre a hegemonia dos discursos psicanalíticos e biologicistas da época, a fenomenologia é apresentada como uma terceira via. Contemplar a experiência vivida como o evento fundamental seria o caminho em que todas as análises poderiam se unir como possíveis de acordo com a subjetividade humana. Ou seja, um mundo concebido sem verdades prévias pré-estabelecidas, sem a ditadura do Complexo de Édipo ou da determinação genética, mas com a síntese a partir da perspectiva individual. Nada mais atual, pois a clínica fenomenológica vem sendo apontada, em um movimento a cada dia mais forte, como indispensável para discussão em saúde mental.

O segundo, de Otto Doerr-Zegers, conta-nos de um lado esquecido do passado: mesmo na mais terrível escuridão nazista existiam raios luminosos da resistência. Em tom poético, o autor nos ilumina com a certeza de que a humanidade, exatamente por ser constituída de homens, carrega em si a dialética da ambivalência, de que nenhum evento é determinado por apenas um lado e, por fim, de que a síntese é uma construção infinita que conterà sempre ambos os lados: a luz e a escuridão.

Por fim, os dois artigos desta edição refletem o presente e sua abertura para novidades. Analisar o papel da presença de animais de estimação na atual representação de mundo é descrever um fenômeno novo, inédito. Animais de estimação seriam uma ampliação do conceito da família na atualidade? Uma redução? Sem dúvida uma discussão em aberto explorada no artigo de Penteado e Safra. Por fim, nada mais histórico e atual que analisar a religião e seu papel na experiência subjetiva de adoecimento e a

necessidade de compreendê-la a partir do recorte individual. A religião como evento coletivo e subjetivo. Nada mais dialético e fenomenológico.

Daniela Ceron-Litvoc

Flávio Guimarães-Fernandes

e

Gustavo Bonini Castellana

Editores-Chefes